

OUTUBRO

Nº

76



O RISO

Preço

\$200



ROMANCES DA NOSSA ESTANTE

ESTÃO Á VENDA :

Album de Cuspidos, (3ª serie)	1\$000
A Família Beltrão.	1\$500
O Chamisco	1\$500
Entra, Senhor !.. .. .	1\$500
Variações d'Amor.... .. .	\$800
Comichões..	\$800
Horas de Recreio	\$600

BILHETES POSTAES

Luxuosa e artistica collecção de bilhetes postaes.

Um.... ..	200 réis
Seis.. ..	1\$000 >
Pelo correio.	1\$500 >

O CHAMISCO ou *O querido das mulheres*
Preço 1\$500 — pelo correio 2\$000

ESTA' A' VENDA

6 sensacional romance de actualidade

ENTRA, SENHÓR!...

cinco nitidas e deslumbrantes gravuras.

PREÇO 1\$500

PELO CORREIO 2\$000



Semanario artistico e humoristico

NUM. 76

Propriedade : A. Reis & C.

ANNO II



CRONQUETA

Sabes tu, leitor amigo, o que é o suplicio de traçar uma *Croniqueta* suportando uma tremenda dor de ouvido? Feliz de ti que o não sabes, talvez mesmo porque não te dediques á profissão de *cronico*, tal como eu, que estou agora aqui a finjir que não sinto coisa alguma e a tocar para o pau burramente, no afan de passar em revista os casos da semana.

Ah! ouvido, ouvido! si continuas a *fomentar-me* com essa dor, respégo-te um tiro... e depois sempre quero ver si tornas a doer!

Ora, sebo!... Tratemos de outro assunto, porque o leitor naturalmente nada

tem que ver com as minhas dores, sejam ellas de ouvido ou de barriga...

* * *

O primeiro logar cabe de direito ao banzé de cuia havido na Camara, provocado por aquelle pavoroso discurso pronunciado pelo bravo deputado Irineu, a proposito da celebre «denuncia», que hoje, como se diz em latim, *requiescat in pace*...

Mas que grande pagode que aquilo foi! E que bela ocasião se proporcionou aos *chaleiras* do «cadete» Mario para lhe demonstrarem a sua solidariedade, avançando e cerrando punhos para o fogozo orador, depois dele Mario ter avançado primeiro...

Positivamente não ha espectáculo mais orijinal nem mais divertids que uma sessão na Camara. O Paschoal, com as suas lutas romanas e os seu jogadores de «box» fica numa rabada unica á vista dos exercicios de pura capoeiragem exibidos ali na Cadeia Velha—a razão de cem mil réis diarios por cabeça...

Está regulando. Viva a Patria e chova arroz!

* * *

Já que falei em «box», é justo que faça tambem uma referencia a esse *inocente* genero de sport a que se entregam agora na «Maison», uns latagões americanos, que diariamente, aliás noturnamente, se esmurram a valer, indo ás ventas um do outro, fazendo escorrer mutuamente o *melado* dos respectivos narizes, e tudo isso com o assentimento pleno da policia!

E porque não havia a policia de consentir nesse *brinquedo inofensivo*? Sim, é tão *inofensivo* que até um dos jogadores, o preto Bill Jackson, já esticou a canela na Santa Casa, após uma *boxada*, valente com que o mimoseou na bôca do estomago o seu contendor Jack Murray.

O Piso

Mas, quem disse haver o *boxeur* Jackson batido a bota em consequencia dessa *boxada*? Ah! disse o eu, mas não é verdade o pobre homem foi *apenas* vitima de uma *pleuro-pneumonia*, nome esse porque passam a ser conhecidos daqui por diante os murros na bôca do estomago...

Sendo assim, claro está que o jogo de «box» continua a ser um *brinquedo inofensivo*...

* * *

A cronica policial tambem forneceu esta semana uns assuntos bem regulares, e, na falta de outros, atiro-me a eles como gato a bofes.

Temos por ezemplo o caso desse palerma que dá por Francisco Delconte, um «arara» de marca, que se deixava esbordoar pela mulher, a Genoveva Pincarelli, uma italiana valente como as armas e ciumenta p'ra burro!

Lá o fato dela meter-lhe o pau ainda é o menos, porque, dizem, «pancada de amor não dóe...» O que faz desesperar é a semvergonhice do gajo, indo queixar-se á policia de que a mulher o esbordoava.

Ora o grande paspalhão! Pois o pedaço d'asno não sabia fazer-se duro e meter-lhe tambem o pau por sua vez?... Que diabo! ele é o marido, e ninguem melhor que um marido pôde meter o pau na mulher...

* * *

O outro caso é o daquela *cavalheira* cujo nome é Alice Azevedo, e que tentou ir desta para melhor, injerindo uma mistura de agua da colonia com um dentifricio qualquer.

A gente vê logo que essa camara-dinha estava com tanta vontade de esticar o pernil quanto eu estou de me atirar no Mangue... Sim, porque afinal, isso de beber agua da colonia com dentifricio é apenas a demonstração de quem pretende fazer uma lavagem perfumada nas tripas...

Não ha duvida, essa senhora Alice pretendeu unicamente imitar s. ex. tornando-se uma cheirosa creatura...

* * *

E por hoje, leitor amigo, por aqui me fico, ou antes, daqui me vou saudosamente, pedindo-te desculpas pela estopada que te preguei, graças ao maldito ouvido, que por meu azar continua a... *fomentar-me* a paciencia e o juizo.

Deiró Junior

Christo

Os doutos da Justiça, um dia, sem motivo,
Resolveram banir do egrejo santuario,
O meigo Nazareno—o Martyr do Calvario—
Que dali forasempre o amparo collectivo.

E então não se viu mais o Filho de Deus vivo,
Naquelle Tribunal solemne, extraordinario.
Andava elle a espalhar por outro itinerario.
Entre a pobreza em ancia o doce lenitivo.

No forum, onde outr'ora esplendia essa luz,
Crystalina do olhar da imagem divinal
O brilho da verdade ali já não transluz. |

E agora, a Communhão, corrigindo o seu mal.
Revogou por completo a pena de Jesus
Que entre festas regressa ao douto Tribunal.

Edglobo.



Paulo do Rio disse que pensou na tal de Mme. Vargas durante dez annos.

E' de admirar que isso acontecesse, pois o caso da Bezanilha foi ha mais ou menos sete annos.

O Paulo adivinha, é quasi o Mucio...



Assim, de costas, voltados
Um para o outro, que tal?
Parecem 'star arrufados,
Mas não estão afinal.

Foi plano delle, que tinha
Uma vontade profunda
De ver si a sua vizinha
Era bem feita de... *costas*.



EXPEDIENTE

Toda a correspondencia para

“O RISO”

deverá ser remetida à sua redacção à

RUA DO ROSARIO, 99 — Sob.

Telephone 3.803.

Tiragem. 19.000 exemplares.

Numero avulso.. 200 réis

Nos Estados. . . 300 réis

Numero atrazado 300 réis

ASSIGNATURAS

ANNO

Capital.. ... 10\$000

Exterior... 12\$000

A explicação

Desde muito, a velha D. Margarida notava que a sua filha Ignacia estava engordando a olhos vistos.

Muito maternalmente, viu naquella gordura uma revelação de bôa saude da filha e ficou contente. As coisas, porém, não se passaram sempre assim, porque D. Margarida notou que a gordura da filha era só na frente, localizando-se numa só parte do corpo.

Antes de mais nada, para adquirir certeza do que se tratava, consultou a velha Ignez, uma rezadeira milagrosa que se communicava com os deuses, por intermedió dos espiritos.

Após tres consultas, a cinco mil réis, cada uma, Ignez assegurou que a filha de D. Margarida não estava gravida, mas sim com barriga d'agua.

A velha teve um allivio e como a sua filha não sarasse com as aguas da feiticeira, resolveu levar-a a um medico.

O facultativo logo que viu Ignacio entrar, percebeu logo o estado da pequena, mas perguntou :

— Que tem?

A velha respondeu :

— Dizem que é barriga dagua.

— Bem. Vou examinar, disse o medico.

Depois do exame que não foi difficil, o doutor chamou a velha em particular e disse-lhe a verdade.

— Mas, o que, doutor?

E desandou a chorar, o medico acalmou-a como pôde e as duas, a mãe e a filha, foram-se.

Em casa, houve a scena que se sabe ; e a velha quíz que a filha lhe explicasse como fôra a coisa.

Entre soluços, ella explicou :

— Foi assim... *Elle* disse que estava com frio e eu abri a janella para *elle* entrar. *Elle* entrou, eu desmaiei e... não sei mais.

Hum.



— Para que o Mauricio de Lacerda faz tanta questão da vinda dos restos mortaes dos nossos Imperadores ?

— Não sabes ?

— Não.

— E' que elle já engatilhou um discurso para o dia da recepção.



Pede-nos o Sr. Josino de Araujo para declarar que, na sessão agitada da denuncia, não disse, dirigindo-se ao Sr. Cunha e Vasconcel'os — «Para traz, surucucú !»

O que S. Ex. disse foi : «para traz, ophidio venenoso ! » — coisa mais parlamentar.



Gravuras, Clichés e Ornamentos

PHOTOGRAVURAS
PARA ILLUSTRAÇÕES DE LUXO

Luiz Brun & Comp.

41, RUA SILVA JARDIM, 41

Telephone Central 2218

OOOOO RIO DE JANEIRO OOOOO



O bolina

Na nossa cidade, uma das instituições mais respeitáveis é a da bolinagem.

Os bolinas se dividem e subdividem em varias classes.

Ha os bolinas propriamente ditos que se subdividem em duas classes: os que gostam da bolina ao lado e os que gostam da bolina por traz.



Os senhores compreendem perfeitamente como as coisas se passam e não é preciso dizer que essa bolinagem se opera nos trens, nos bonds e nos cinemas.

Além desses bolinas, ha outra especie de amorosos nas ruas: são os «bezouros».

Essa especie de falsos bolinas são os mais abundantes e a sua especialidade consiste em dizer galanteios aos ouvidos das damas que passam—«bezourar», é o termo.

Ha tambem os seguidores de damas. São estes os mais platonicos e inoffensivos, pois andam nas ruas, toman bonds, sem nada dizer ás deidades que os arrastam.

Para essa fauna curiosa quiz entrar o nosso velho conhecido Mendes.

Era elle até então um rapaz morigerado e philosophico; mas um bello dia quiz provar a coisa.

Encontrou-se com o seu amigo Jones, professor de agricultura e após uns refrescos, convidou-o a ir a um cinema.

Jones estava innocente na intenção do amigo e não se surprehendeu que Mendes esperasse que a sala se enchesse para se aboletar.

Além disso, quiz o amigo de Jones procurar um lugar muito longe do corredor e bem junto a uma dama coberta com um enorme chapéo.

Jones ficou um pouco afastado e dispoz-se a assistir o desenrolar das fitas.

A coisa ia indo quando se ouviu um grande grito na sala. Fez-se luz e de todos os lados partiam gritos: lyncha o bolina! lyncha!

Jones, logo no primeiro momento, não pôde perceber bem a coisa; mas bem depressa viu que o seu amigo Mendes estava sendo surrado por um senhor e que a dama que lhe ficava ao lado vociferava: dá! dá! foi elle, sim!

Jones aproximou-se e conseguiu tirar o amigo da furia do cavalheiro e perguntou:

—Que houve, Mendes?

—Perdi os punhos debaixo das saias daquella mulher e o marido pensou que eu fosse bolina.

Olé.



Mala d' «O Riso»

J. Sá Martins — Temos o que pede, mas é impossivel ir sem dobra, porquanto vae pelo correio.

Associação Melpómene — Paraná—Fazemos remessa dos numeros que forem publicados d'agora em diante.

Vespasiano Moura Santos — Paraná— Encontrará no «O Riso» a relação de nossas publicações.

Durval Mendes — Alagôas—A assignatura annual d'«O Riso» importa em 12\$000 que serão pagos adiantadamente.

Rutilio Taveiros — Os cartões que pede, só teremos no proximo mez de Novembro e 50 d'esses cartões custarão 12\$500. Actualmente temos apenas a uma côr.

Zê Piparoteiro — São difficeis as soluções de taes problemas. Tenha a bondade de pernoitar com um d'elles para saber qual é o activo.

Zázá Parafuso — Suas notas são fracas e por esse motivo não a publicamos. Man de-nos melhores.



—Que pensas desse matadouro de aves?

—Acho que os homens andaram errados. Aves?... Elles se vão matar a ellemesmos!

Acha-se á venda: **ENTRA, SINHOR!...**

Preço: 1\$500 * Pelo correio 2\$000

Pedidos a A. REIS & C.— Rosario, 99

O Piso



O PISO

PANTHEON DOS

«IMMORRIVEIS»...



Ahi vão como de costume os tres *vates* destinados a figurarem hoje neste «Pantheon» que os acolhe com as devidas honras... prestando-lhes tambem, como é de justiça, as muito merecidas homenagens...

Resta agora que os leitores nos acompanhem nesta «manifestação de apreço»... *consagrando-os igualmente.*

Ciumes

(Ao Alekso Fanzeres)

Tenho ciumes de ti, quando te vejo
Soltas as madeixas ao *raial* (!!!) do dia
Timida do orvalho acordar com beijo
O resedá que no hastil dormia...

Sinto que a minh'alma que febril, ardia
Nas chammas rubras de lethal desejo,
Ebria de ciumes, com rancor se esfria
No gelo horrendo do fatal ensejo.

Tenho ciumes de ti: de tudo quanto
Compõe a tua óbvia formosura,
Da tentação dos teus sorrisos castos...

Tenho ciumes do teu original encanto,
De tua meiga e divinal candura,
Dos tenues fios dos teus cabellos bastos!...

J. Brito.

Você, *seu* coisa, que não é naturalmente o nosso illustre confrade J. Brito, o impagavel *Antonio*, a cujos calcanhares está longe de chegar, você, como diziamos, bem pôde tratar de outro officio em vez de se metter a fazer *sonetos* da ordem desse que dedicou ao seu amigo Alekso, que em troca lhe deve mandar a preta dos pasteis, tantas são as burrices que você *enfeixou* no seu descommunal trabalho!...

O *immorrivel* que se segue é tambem um camarada digno de luminarias, como se vae ver pela sua *brilhante produção*...

O que é o amor

O amor, dissè um poeta,
E' uma coisa muito linda
Que contém doçura infinda
Mas que fere com uma setta.

Disse um outro que elle á méta
Do goso tambem nos guinda;
A alma deixando ainda
De grande prazer repleta.

Ha quem diga que o amor
Não passa de grande carga
E que é peor do que fel.

Vae outro e diz:—Não, senhor!
O amor jamais amarga
E é mais doce do que o mel!

EU RICO.

E no fim dessa embruhada toda você ficou sem saber o que é o tal Amor, não é, *seu* Eurico? isto é, você ficou sem saber si de facto o Amor contém doçura, si é mesmo uma coisa muito linda, si não passa de grande carga, si na verdade elle nos guinda á méta do goso, si é doce ou amarga como fel, e, finalmente, si de facto fere como uma setta, não é assim?

Pois fique sabendo que fere, *seu* Eurico, e livre-se você de levar uma espetadella dessas... porque ha por ahi cada *setta* rombuda a valer e muito propria para espetar os... os *versos* dos *puetas* do seu quilate...

Lamba-se com esta e não nos amole mais, por favor.

E ahi vae, para fechar a rosca, a *produção* magistral do ultimo dos *Immorriveis* para hoje inscriptos:

Confissão

Aos vossos pés eu deponho
Senhora, a ardente paixão!
Que nutro—parece um sonho!—
Por vós, no meu coração.

Que tenhais, oh! sim, supponho,
Do meu amor compa xão!
Torna-me viver risonho
E delle não zombeis, ai, não!

Se me curvo assim constricto
Confessando-me afflictio
E' porque esse amor é forte.

Dae-me por Deus essa esmola
Do vosso amor que consola
E assim bemdirei a morte!

ROMANO DIAS.

Sim, senhor, *seu* Romano, você é um cabra mesmo das arabias! E com que desfaçatez você pede para que a deusa dos seus sonhos lhe *console* com o seu amor, lá della!

Sonhando está você, com certeza, porque, naturalmente, ao ler toda essa burrice que você escreveu em forma de *soneto*, a tal deusa, longe de se commover, cahirá na gargalhada e mandal-o-ha por certo, bugiar, o que será muito bem feito! Nós, si fossemos a referida deusa, mandavamol-o, sabe a que lugar? pois mandavamol-o áquella parte...



Boa sahida

O capitalista Silva, um tanto philosopho, gostava immensamente de possuir amantes. Não era constante na sua paixão. De tempo em tempo elle mudava de gosto, isto é, de amante. Não sei si devido á sua descrença no amor, ou si a infidelidade das respectivas amantes. O que é certo, porém, é que o sr. Silva, de vez em quando, surgia nos clubs, com mulheres diferentes.

Entretanto, entre essas borboletas todas, houve uma que lhe prendeu de veras o coração. Elle até nem sabia explicar como é que tinha pendido tanto para o lado dessa creatura que soubera com estudado carinho, subjugar o seu temperamento. São coisas do coração humano que ninguém pôde conhecer com precisão. Laura, essa doce mulher por quem o capitalista estava embeaçado, era muito venturosa, porque além do grande amor que o sr. Silva lhe dedicava, recebia deste, frequentemente, presentes valiosos, os quaes serviam de base para fortalecer mais e mais os laços do ardente e mutuo amor. Um dia o sr. Silva mandou fazer um livro, cujas paginas eram de cedulas de 10, 20 e 50 mil reis, bem feito, bem encadernado e o remetteu á sua amada Laura com a seguinte dedicatória: «Ao seu sincero amor, offerece o autor». A rapariga ao receber tão mimoso livro ficou contentissima: «O! que livro soberbo! Que bello amante eu tenho, que até me manda um livrinho assim feito de dinheiro!»

Os dias foram correndo, e as paginas do livro querido de Laura iam desaparecendo paulatinamente.

Quando o livro em questão não tinha mais uma folha, a escovada rapariga escreveu ao amante o seguinte bilhete: «Silva. Espero que me mandes a continuação daquella obra que me offereceste ultimamente. Sim? Tua L.»

Ora, o capitalista Silva que não ia no embrulho, porque não era nenhum «arara», e conhecendo o «jogo» da sua Ella, ao receber o bilhete, disse de si para si: «Não. Não, eu não vou nisso» — e pegando em 4 notas de 5 mil reis, com ellas fez um pequeno livrinho que lhe remetteu acompanhado com este bilhete: «Minha Laura. Como me mandaste pedir a continuação da obra que ha pouco te offereci, ahí vai, acompanhando este, o segundo e ultimo volume».

Sevete.

Saudades

(A' Zulmira)

Tanta belleza no teu rosto abunda,
Tanta candura teu sorriso inspira,
Que apenas eu te vi, gentil, Zulmira,
Senti no peito meu paixão profunda!

Formosa como tu não ha segunda!
Por isso é que, a teus pés, a minha lyra
Chora, geme, soluça e até suspira.
Tu serás minha Musa Vagabunda!

A noite mais feliz de minha vida
Foi aquella em que o beijo teu, querida,
Ebrio de amor, no labio teu gozei.

E agora de ti, longe, eu tenho ainda
Mil saudades de tí, Zulmira linda,
E... dos meus dois mil réis que te paguei.

Zé Pancada



— Que achas da «A Bella Mme. Vargas»?

— Adoravel!... O Paulo é um segundo Bernstein.



Porque será?

Sim, porque será que os nossos collegas grandes não noticiaram até hoje a sahida da actriz Lucilia Peres da Companhia *Brasileira* (!) que funciona no theatro Municipal?

Tel-o-hão feito, conforme consta, a pedido insistente do *inequalavel* director de scena d'aquelle theatro, o sr. Eduardo Victorino, para que o mesmo senhor não tenha de futuro os seus planos derrocados?...

A verdade é que a sra. Lucilia Peres foi ali sempre desconsiderada, justamente por quem não tinha o direito de fazer, e, si havia naquelle meio quem mais jús fizesse a todas as considerações, era precisamente a sra. Lucilia, porque, sobre ser uma artista de muito valor, é acima disso artista *genuinamente brasileira*.

Como, pois, silenciaram os jornaes sobre esse caso, concorrendo para que essa desconsideração tivesse o seu beneplacito?

Parabens á sra. Maria Falcão...



ALBUM III SÉRIE

A mais recommendavel collecção de raridades
Os mais arrojados e os mais violentos golpes de
lucta romana. Tudo quanto ha de mais instructivos.

PREÇO 1\$000 —o— PELO CORREIO 1\$500

Pedidos a A REIS & C. — R. DO ROSARIO 99

Lelep. 3803 —o— RIO DE JANEIRO

O Riso

O burro astrônomo

e o astrônomo burro

Contam de um certo Rei, não sei de que paiz e de que tempo, uma porção de aneddotas, dentre as quaes, a que mais me agradou, foi a do burro e do astrônomo.

Todo Rei, como qualquer outro mortal, tem a sua mania, mas, relativamente á caçada, não ha nenhum mortal que seja tão caçador como um Rei. Porque não ha príncipe com «reino» ou sem elle que não tenha paixão pela caça.

Pois bem : o Rei que serve de assumpto a estas linhas, era um verdadeiro amante da caça. Por isso, de vez em quando, sahia da Corte, acompanhado de grande comitiva, e entrava nas florestas em busca de algum javaly ou veado que lhe dessem margem para uma distração «caçatoria». Muitas vezes ficou perdido nas mattas e só depois de muito custo é que encontrava o caminho que ia dar á cidade.

De um feita andando elle perdido, foi dar com a sua real pessoa á frente de uma choupana construida ali naquella imensa floresta. Era a morada de um lenhador..

Assim que o rei bateu á porta, appareceu um homem robusto, a quem o caçador perdido complimentou cortezmente :

—Deus o salve, bom homem!
—Amen, Jesus, meu Senhor. Vossa mercê anda perdido ?

—Andava, meu amigo. Mas, felizmente, agora, com o vosso encontro, não andarei mais, porque naturalmente ides ensinar-me o caminho certo..

—Quando quizer. E' por ali, por aquella encruzilhada, disse o lenhador, apontando para uma estrada que se avistava ao longe.

—Muito bem. Mas, antes, eu queria comer... Não tendes por ali qualquer coisa que se coma ?

—Aqui não ha nada, meu Senhor...

—Oh! Pois então, nem um ovo o amigo tem na sua dispensa ?

—Espere, respondeu o lenhador, reflectindo e indicando um tosco armario que se via ali na pequena sala—eu devo ter ali uns dois ovos.

—Está bem : chegam para matar a minha fome.

—Neste caso, espere ali um pouco enquanto eu vou preparal-os.

Dito isto, o lenhador dirigiu-se para o interior da casa.

Minutos depois estava elle de volta e dizia para o seu hospede :

—Entre cá para a sala de jantar.

O Rei entrou, sentou á mesa, e depois que satisfez a sua fome, levantou-se disposto a seguir a sua jornada. E procurou

N.º 1 PONTA DE CORTIÇA



FATIMA
EGYPTIOS

CIGARROS
MARCA VEADO

N.º 2 PONTA DOURADA

✻ ✻ Luxuozamente preparados para o Bello Sexo ✻ ✻

O PISO.



rando no gibão a sua carteira de dinheiro, indagou ao homem da lenha:

— Quanto é o custo dos ovos ?

— Coisa pouca, meu senhor, 50\$000 sómente.

— Que ?! — exclamou o Rei admirado — Devem ser bem raros os ovos aqui por estas bandas ?!

Nem por isto. Nestas bandas raros são os Reis.

De outra feita, desejando elle ir a uma caçada, perguntou ao astrónomo real: (toda casa real tem astrónomo)

— Posso ir a uma caçada ? Devo saber, sr. astrologo, não haverá chuva ?!

E o sabio, depois de ter feito grandes observações astronomicas e sondado os mysterios do céu, respondeu cathegoricamente:

— Póde, Magestade, o dia não póde absolutamente mudar. Será sempre limpo.

O Rei sahiu, e ao passar pelas margens de um rio, viu um camponio lavando um burrico que de vez em quando levantava o focinho para o céu, abrindo os labios em forma de sorriso e deixando escapar da garganta um som esquisito.

O camponez, resmungando entre dentes dizia:

— Temos chuva. Temos chuva.

O Rei notando isso, inquireu:

Olá, amigo, porque é que você diz que vamos ter chuva ?!

— Ora, respondeu o camponio — Porque o meu burrinho está dando aviso. Quando elle levanta o focinho, abre os

queixos e abana as orelhas é signal certo de temporal. Eis ahi.

— Está bem. Obrigado. Adeus — disse o Rei afastando-se.

Mal tinha caminhado uns cinco minutos, quando desencandiu uma chuva torrencial, acompanhada de uma ventania formidavel.

Ficou todo molhado o Rei, e quando poudo, tratou de regressar ao seu palacio, furioso contra o sabio que lhe enganara, annunciando um bom dia, quando um pequenino burrico, sem conhecimentos scientificos o avisara com mais acerto.

No dia seguinte ordenou a demissão do astrologo; e quem passasse pela porta principal do Palacio Real, desse Rei impagavel que eu venho relembrando nestas linhas, havia de lêr o boletim que ali estava pregado, com os seguintes dizeres:

— «Prefiro um burro «astronomo» a um astrónomo «burro.»

Esculhambofe.



— Gostaste do «Quem não perdôa?»

— Sublime!... a d. Julia é um segundo Bernstein.



A Academia

Eu tinha para mim que a douta Academia, Fosse exclusivamente um nucleo litterario, E que no esplendor daquelle santuario, Só refulgisse a Prosa ao lado da Poesia

Mas eu andava errado a crer no que não via, E a julgar a meu modo o rico mostruario. O Pantheon illustre agora feito aquario, Onde hoje se esparrama enorme peixaira.

Agora é que eu descubro a coisa original: A Musa coitadinha ali anda de azar; Furtaram-lhe do Reino a essencia do ideal.

E assim relembrarei embora com pezar: Já Piron disse outr'ora, «aquillo é um hospital» Mas agora diria: é um «Sebo» ou um Bazar.

Edglobo



O CHAMISCO

ou

O QUERIDO DAS MULHERES

O nec plus ultra da literatura hrejeira. De sopilante historia de um conquistador irresistivel. Este bello livrinho contem cinco nitidas gravuras.

PREÇO 1\$500—o—PELO CORREIO 2\$000

Pedidos a A. REIS & C — R. DO ROSARIO, 99

Telep. 3803—o—RIO DE JANEIRO



Theatro d' "O Riso"

Não se impressione...

CANÇONETA

Musica d' «O VATAPÁ, comida rara, etc.»

Isto é factó sabido e frequente :
—Quem não póde pagar o vendeiro,
A comprar continúa p'ra frente
Promettendo no fim o dinheiro !

Não se impressione !
Não se incommode !
Cada qual faz
Tudo que póde !

} bis

Quando a gente aprecia em cinema
Ás sessões da Nordisk ou Pathé,
Nas cadeiras, sem que a fita trema
Póde as ter coloridas quem vê...

(gesto de *olho vivo*)

Não se impressione, etc.

D'este eclipse um rapaz teve medo,
E, com pressa da noiva beijar,
Promettendo mostrar-lhe um segredo
Foi beijal-a por traz d'um altar !...

Não se impressione, etc.

Sempre tive este genio travesso,
E não creiam no que eu disse agora,
Batam Palmas, pois eu as mereço,
Batam já, com ardor, sem demora !

Não se impressione, etc.

✱
Gyl Maia

✱
O Costa Rego disse que a guerra
dos Balkans foi por parte dos paizes
coligados encommendada com missas ditas
em latim.

Querido Costa Rego, não sabes
que na religião desses paizes a missa é
em grego ?



ALBUM IV SÉRIE
A' VENDA

Detalhada collecção de vistas dos paizes
maís adiantados do mundo. Lindas photogra-
phias do inferno, tiradas do natural.

PREÇO 1\$000 —o— PELO CORREIO 1\$500
Pedidos a A. REIS & C.—RUA ROSARIO, 99
Telep 3803—RIO DE JANEIRO

O Elephante branco

O «Municipal» volta á baila. Não só
porque lá se representam peças de autores
municipaes, como tambem porque mais
defeitos apparecem, além das cavações
da tal «La Theatral».

Uma noticia curiosa saiu nos jornaes.
O «Municipal» está cheio de pulgas.

Disse um dos mais elegantes jornaes
da actualidade.

E' coisa que era bem de esperar. Um
theatro que se destina ao nosso alto
mundo, deve estar cheio de pulgas.

A pulga é bem o destructivo das altas
classes e não é de admirar que o «Muni-
cipal» tenha.

De resto, não deve ser a pulga com-
mum, mas uma pulga aristocratica e digna
dos marmores e dos onyx que adornam
tão glorioso monumento.

Não queremos afiançar de todo que
o «Municipal» seja inutil, porque, se elle
não serve para o que o destinam, isto é,
para representações, pois em dois terços
da platéa não se ouve o que dizem os
actores, porque, diziamos, serve ao menos
para viveiro de pulgas.

O joven architecto Passinhos deve
andar orgulhoso com a sua originalidade
architectural.

Todos os architectos, desde os gre-
gos até os francezes, desde os romanos
até os allemães; constituiram theatros
para audição de peças, dramas, comedias,
tragedias, etc; o dr. filho do Passos, não,
construiu um theatro para habitação de
pulgas.

Disse-nos alguém que o Theatro Mu-
nicipal, com os seus dourados e co-
lumnas, tem o aspecto de coche de
enterro de 1ª classe.

Esse amigo evidentemente não tem
razão; o Municipal não é o que elle disse,
e não é mesmo um «Elephante Branco»;
é o paraizo das pulgas.

Ainda bem.



O Tefé já aconselhou que, no verão,
S. Ex. use roupas leves.



Tem causado pasmo que o Sr. Ma-
cedo Soares, director do «Imparcial»,
protestasse contra os accidentes da via-
gem do «Burdigala».

O PISO.

O continuo

Na Secretaria de Estado de..., certo dia, appareceu um senhor, catregando um immenso annel symbolico, apurado em roupas, procurando um funcionario qualquer.

Obtida a informação, o doutor indagou:

— Não me era possivel fazer um requerimento?



O funcionario muito amavelmente chamou o continuo e determinou que fornecesse á «partê» papel, penna, etc.

O continuo, o Luiz, levou o doutor para a sua meza e deulhe os apetrechos necessarios.

Na secção mais ou menos se trabalhava e o silencio era quasi perfeito.

O chefe, na sua secretaria, muito preocupava-se com o seguinte e importante facto: saber se devia começar um officio por *communico-vos* ou *declaro-vos*.

O 1.º official Mendes escrevia com todos os detalhes calligraphicos, apurando bem a letra para ser promovido por merecimento.

O amanuense Jagodes escrevia a sua lista de bichos, pensando arranjar cobre para comprar o enxoval de casamento.

O doutor, por esse tempo, começou a escrever o seu requerimento.

Luiz, o continuo, não deixou de olhar o que o joven escrevia; e, num dado momento, ao ver que o doutor escrevia — effectivo — com um unico *f*, não se conteve e observou:

— *Seu* doutor, *effectivo* tem dous *ff*.

O moço bacharel não se zangou com a observação e confirmou:

— E' verdade. Dá-me outra folha de papel.

Luiz não tardou em trazer a tal folha e elle poz-se de novo a escrever.

Jagodes, o amanuense, já acabara de orgarnizar a sua lista de bichos; o chefe já se resolvera pelo — *Declaro-vos*; o Mendes já encetara um outro officio; e Luiz continuava a olhar o que o doutor escrevia.

N'um dado momento, elle viu com vexame que o moço escrevia approved com um unico *p*. Não se conteve e observou:

— *Seu*, doutor, approved tem dous *pp*.

O rapaz não se zangou e respondeu: — Tem razão. Estou hoje com a calligraphia ruim...

O continuo disse:

— *Seu* doutor, não é calligraphia; é orthographia.

Xim.



Aquella moça que se deixou levar pelos encantos de um cachorro, etc, assistiu certamente a conferencia do Sr. Roberto Gomes sobre o «Amor Canino».



O *photographo* amator — Afinal, não sei qual dos dois deva *photographar*.. Ora, *photographo* de cá, que é mais bonito..

Já está á venda

O CHAMISCO
OU
O querido das mulheres

Preço 1\$500

Pelo correlo 2\$000

O PISO

O theatro brasileiro

*A proposito de umas tantas
questões a respeito do mesmo.*

O nosso pobre theatro,
Ja está causando até dó,
Pois o coitado, infeliz,
Já virou fórróbódó.

Quando surge qualquer peça,
Fica redusida a pó
Porque a critica inclemente
Faz della um fórróbódó.

E por causa da tal critica,
O triste autor fica só,
Ouvindo o tango manhoço
Do roxo fórróbódó.

E o critico e o autor,
Incham de mais o gógó
Ha na coisa até duello
Devido ao fórróbódó.

Fica-se mesmo pasmado,
Ante o facto, qual sócô
Contemplando «as aguas tuivas»
Do cruel fórróbódó.

Quem tal coisa discutir,
Ficará mesmo bécô
E' melhor não se metter
Nesse tal fórróbódó.

A questão ora travada,
E' como o celebre nó;
Só será por fim cortada
Findando o fórróbódó.

Em suma hoje em theatro,
O trabalho máis liró
Só se encontra com certeza
Em qualquer fórróbódó.

Sendo o theatro a fressura
Onde ha bom mócótó,
Paraty com mão de vacca,
Só produz fórróbódó

Abaixo a critica injusta
Ponha de parte o chinó
Uma peça só é bõa
Dando um bom fórróbódó

Deixai a penna de lado
Que corça como o cipó
E elogiái sem reservas
O grosso fórróbódó.

É de primeirissima !

O Dr. Moreira aos quarenta annos resolvera pôr termo a sua vida de solteiro extravagante, casando-se com D. Henriqueta, filha do Commendador Amaral, abastado negociante em Pernambuco. D. Henriqueta além de ser o que se diz uma bella mulher, era tambem uma moça muito bem educada e de muito espirito.

O Dr. Moreira jurara á si mesmo que ao entrar para o rol dos homens serios nunca mais procuraria outras distracções que fossem incompativeis com o seu novo estado. Rasgara todas as cartas e cartões amorosos que até então tinha recebido e destruíra todos esses pequenos objectos que são como que recordação da mocidade.

Uma vez casados, em Pernambuco, partiram para o Rio de Janeiro onde o Dr. Moreira tencionava abrir a sua banca de advogado. Aqui chegados foram habitar uma linda propriedade em Botafogo, propriedade essa que lhes fora dada pela sogro como presente de nupcias.

Durante um anno tudo correu ás mil maravilhas, eram felizes; apenas D. Henriqueta se amofinava um pouco com a falta de criadas. Raro era o mez em que não faltava ou a cosinheira ou a arrumadeira.

Depois da proclamação da Republica, em Portugal, começou uma forte imigração para o Brasil. O Dr. Moreira a conselho de um amigo tratou de arranjar dentre essa gente que chegava ao Brasil, disposta a trabalhar, alguém que lhe pudesse convir.

Facilmente arranjou o que queria. Primeiramente um rapaz novo de vinte e cinco annos que sahiu um perfeito jardineiro e em seguida, uma rapariga, tambem nova ainda, que dera uma excellente arrumadeira de casa.

D. Henriqueta muito satisfeita com a Maria, assim se chamava a creadita, não só lhe foi ensinando o serviço, como tambem lhe foi dando, além do ordenado, uns presentes de vestidos, blusas, etc., essas cousas que as patrões dão ás creadas quando ellas o merecem.

No fim de seis mezes de casa a Maria já parecia outra.

D. Henriqueta tanto gabou a sua creada que o Dr. Moreira começou a notar que além de todas as qualidades que a sua esposa dizia possuir, tambem possuia certos attractivos que o Dr. Moreira como bom entendedor, reconhecia.

A coisa foi indo, foi indo, até que um

O PISO



dia, o bom do doutor sahuiu-se dos seus cuidados e fez uma declaração em regra á Maria. A creadita não respondeu, mas foi contar tudo á patrão.

D. Henriqueta, que era como já dissemos uma senhora de espirito, não se zangou muito, mas resolveu dar uma lição ao marido.

Disse á creada que fosse accetando as moedas de prata que o marido lhe ia dando e que a folhas tantas lhe havia de dizer o que ella havia de fazer.

O Dr. Moreira foi se encorajando, e dizia comsigo mesmo: «Que diabo, uma vez ao menos para ver se ainda sou o mesmo homem irresistivel».

Quando a coisa chegou ao termo, D. Henriqueta disse á creada que promettesse ao patrão uma entrevista no caramanchão do jardim, ás 10 horas da noite.

Foi feita a promessa e tudo combinado.

No dia aprazado, o Dr. Moreira ao chegar á casa encontrou D. Henriqueta vestida de uma tal maneira, deliciosa que começou a sentir remorsos de trocar por uma simples creadita, os encantos da sua esposa.

Jantou, sahuiu, prevenindo que voltava tarde.

No passeio, começou a fazer o confronto e decidiu que não trahiria os seus deveres de bom esposo. Volta para casa, mas lembra-se que a Maria o espera e então acode-lhe uma idéa.

Chama o creado :

— José ! José !

— Prompto, patrão.

— Vaes fazer um serviço delicado. No jardim, no caramanchão, está alguém á minha espera, eu não posso ir, mas tu vaes e sem dizeres palavra faze de conta que sou eu e faze o que eu devia fazer.

O José que não era tolo comprehendeu logo e lá se foi.

O Dr. Moreira satisfeito comsigo mesmo subiu para os seus aposentos e ao entrar no quarto encontrou a Maria que estava fazendo a cama.

— Maria ! Onde está a minha mulher ?

— No caramanchão.

— Hein ? !

Como um louco desceu e correu gritando :

— José ! José ! Não é a Maria, é minha mulher.

— Se era a Maria ou a patrão, não sei, respondeu o creado ; mas o que lh'o posso garantir, patrão, é que a mulherzinha é de primeirissima.

Coccu.



— Que achas do «Canto sem palavras»?

— Magnifico !... O Roberto é um segundo Bernstein.



MUSEU DE RARIDADES

O piano do Stadt München

... os carros do Paschoal

... a pose da Zazá

... o nariz da Palmyra Pilha Electrica

... a conferencia de Arte do Roberto

Gomes

... a voz do Lopes «Tamagno»

... o calçamento da rua Espirito Santo

... os amores da Leonor pela Julia

... o chapéo novo da Sylvia

... a linguinha da Maria Caveira

... a Companhia Brasileira do Muni-

cipal.

Acha-se á venda o

ALBUM IV SERIE

PREÇO : 1\$000

PELO CORREIO : 1\$500

Pedidos a A. Reis & C. — Rosario, 99

O Riso

FILMS... COLORIDOS



Informam-nos que a Ida Nariz de Manteiga, (ex-Postiço) do São José, procura a todo o panno justificar-se da accusação que lhe é imputada de haver sido ella quem foi contar á Laura a historia do beijo dado na Pepa por alguem...

Ora, *ssu* Fedóca, a Ida não fez isso por mal,

f oi apenas por brincadeira.

— Mau resultado deu ao Cartola a «fita» dos sopapos dados na Modesta, por haver esta se recusado a ir jantar com elle, ficando de preferencia com um dos *graudos* do Rio Branco...

Agente firme, *seu* Domingos!

— Um dos bellos *films* da semana foi o que exhibiu a Luiza Lopes, mandando *passear* o Vianninha.

Pobre rapaz! e elle que até deixava de ir para S. Paulo por causa da gaja!

— Disse-nos a Rosa Bocca de Sopa, do S. Pedro, que a sua collega Palmyra Pilha Electrica está quasi satisfazendo os desejos do adutorado Couto.

Então, elle que chora feito criança por *mangaba*...

— Disse-nos o Natal Kiosqueiro que a Julia Caçonetista, do Rio Branco, está em uso do *Mucusan* para preservar-se de qualquer mal que lhe possa ser *censurado*...

Agora é que o Natal entra na lenha!

— Contou-nos o Leitão, do Chantecler, que o Doniques anda agora fazendo as suas «fitas» para a Fernanda, a ver si as bichas pegam...

Seu Doniques, cuidado com o Germano!

Muito em segredo disse-nos a Angelina 606, do S. José, que as suas collegas Trindade Záz-Traz e Angelina Segunda, tiveram ha dias um jantar offerecido pelo Tobias, na caixa daquelle teatro.

Sim, senhor! o viuvinho está sahindo melhor que a encomenda!

— Consta que a corista Lola Madre Abbadessa vae ser alvo de uma grande manifestação por parte dos collegas, por ter afinal substituído aquelle celebre ves-

tido velho, por um outro de xadrez, mais velho ainda.

Quem nos disse isso foi o Franklin. — Vieram dizer-nos que o porão do S. José está agora transformado em departamento da repartição do Povoamento do Solo.

Porque é que em vez daquelle *ponto* a Pepa não dá preferencia a um *jardim*?...

Disse-nos o Figueiredinho Ternuras que a Olga Gambá (ex-Queixo de Rabeca) vae todos os dias levar uma porção de *grão de bico* á rua do Hospicio...

Que levará ella nessa transação?...

— Fomos informados por *Frei Domingos* que o Armando Estomago de Avestruz está com vontade de virar «pharmaceutico de Nictheroy»...

Que diz a isto a *estrella*?

— Disse-nos a Julia Caçonetista, do Rio Branco, que não fez a vontade ao homem da censura, não permitindo que elle entrasse, ainda mesmo que fosse só para disfarçar, porque não estava para ser depois accusada de um *crime* que não n'ó cumetteu...

Arre! que ranzinza!

— O Pedroso, do S. José, anda todo baboso e ao mesmo tempo intrigado com umas cartas amorosas, (anonymas) que tem recebido.

Ha de ter muita graça si essas misivas não passam de uma boa troça de algm barbado!

Operador.



Sabe-se que o Sr. Carlos de Laet e o Centro Catholico nada têm com o «monge» José Maria de Santa Catharina.

Recebemos comunicação do *grand^e* conferencista R. Gomes, que não tratará mais de arte, nem de coisa alguma.



COMICHÕES

E' este o título de um pittoresco livrinho contando coisas do «Arco da Velha» e todo illustrado com soberbas e nítidas gravuras.

PREÇO \$800)o(PELO CORREIO 1\$200

Pedidos a A REIS & C.—R. DO ROSARIO, 99

Telep. 3803 }—(RIO DE JANEIRO



O PISO.

O TROVADOR E A MODINHA

PERSONAGENS :

Elle. — *Typo de capadocio
acompanhado de um violão*

Ella. — *Typo de mulata
pernostica, tendo nos bra-
ços uma lyra.*

Trovador

Sou cabra mais conhecido
Neste Rio de Janeiro.
Meu estro forte e fagueiro
Tem feito muito alarido.
Em claras noites de lua,
Em cantarolas de amor,
Toda a gente vem á rua,
Vem ouvir o trovador.

Modinha

Não ha ninguem neste mundo
Que por mim não se derreta,
O meu triumpho é profundo,
Sou a modinha faceta.
Sou das almas delirantes,
Um consolo sem igual,
Fui feita para os amantes
Gosarem bem meu ideal.

Trovador

Frequento as rodas mais altas,
Fazendo um grande successo,
Nos salões ou nas ribaltas,
Tambem tenho o meu ingresso.
Mas quando melhor eu canto
E dou tregua ao coração,
E' fazendo do meu manto
Um choroso violão.

Modinha

Muita gente apaixonada,
Tem em mim um lenitivo :
Tenho sido burilada
Pr'a fazer-te meu captivo.
Faço, sendo bem cantada,
Remeleixos assustadores.
Neste mundo não ha nada
Que compare aos meus amores.

Trovador

Numa esquina ou numa praça,
Quer de noite, quer de dia,
Minha voz faz arruaça,
Mergulhada em melodia.
Não ha morena dengosa,
Que não se agaste por mim,
Numa modinha chorosa,
Valho mais que um cherubim.

Modinha

Quando dou para exaltar,
Tudo em mim amor exprime.
Eu conjugo o verbo amar,
Em cornucopias sublimes.
Provoco grande alvoroço

Quando cheiro a tentação,
Faço um velho ficar moço,
Um doente ficar são.

Trovador

Para um chôro de massada,
Sou querido e procurado,
Não póde haver patuscada,
Sem meu estro sublimado.
Quando passo numa esquina,
E empunho meu violão,
Muita formosa menina
Põe a mão no coração.

Modinha

Nas conquistas amorosas
Tenho um papel saliente,
Das pessoas desditosas
Sou um nectar excellente.
Por mim ninguem fica triste,
Pois sei banir a tristeza,
Demais, eu trago o meu chiste
(*aponta para a lyra*)

Debaixo d'esta grandeza.

Trovador

Alta noite, com çautela,
Quando canto com prazer,
Faço abrir muita janella,
Faço gente estremecer.
Ninguem por mim tem queixumes,
Nos meus versos bem cantados,
Irrito muitos ciumes,
Sou terror dos namorados.

Modinha

Commigo não ha quem possa ;
Diaburas de Boccacio
Tanto faço na palhoça,
Como n'um qualquer palacio.
Curo os males da paixão.
E os seres emperdenidos;
Embaraço um coração,
Nos mysterios de Cupido.

Trovador

Commigo qualquer mulata,
Quer de noite, quer de dia,
N'uma gostosa cantata
Se inebria de alegria.
Em claras noites de luar,
Em cantarolas de amor,
Toda a gente vem á rua,
Vem ouvir o trovador.

Modinha

Quando se ouve uma modinha
Toda cheia de ternuras,
Tanto mais ella acarinha,
Quanto agrada de venturas ;
Como sonóra trombeta
D'alma alegre e prasenteira,
Sou a modinha faceta,
Sou modinha brasileira.

Dom Perninhas

O Riso

BASTIDORES



Não só porque lhe assenta melhor como também porque lhe fica mais adequado... resolvemos da qui por diante chamar Leonardo Fiteiro ao actor Leonardo de Souza, do Pavilhão, ex-«Feijão Fradinho» e «Homem de Estudo.»

Tantas e de tal calibre têm sido as «fitas» ultimamente desenroladas por esse pandego, que não nos

pudemos furtar ao desejo de o appellidar por esse modo, aliás o que melhor se justifica...

O Leonardo que venha agora pagar a «patente» do baptismo.

—Dizem-nos que é tal o entusiasmo que têm certos *marchantes* do Apollo pela estreante Emma de Souza, que até já lhe pregaram uma constipação com tantos passeios á Mère Louise...

Nesse andar, pregam mas é com ella no Cajú...

—Porque diabo dirá a Maria Caveira, do Pavilhão, tanto mal do Nazareth, sem ter razão para isso?

Estará a lingua de trapo suppondo que o coronel lhe dá mão forte?

—Afim, a Victoria do S. Pedro não conseguiu do director de scena a *barração* do Candinho, da caixa daquelle theatro.

Tambem, que mal ha nisso? o rapaz é inoffensivo, gosta apenas de conversar, de dar á lingua...

—Grande desespero deu o Leonardo Fiteiro por ter de pagar 75 para retirar a «Mascotte», quando esta foi de cambulhada na aparia de cães.

Pobre cadella! a quantos filhos terá que dar á luz para pagar *tão grande* despesa?

—Disse-nos o Lino dos Typos que o Mario Brandão para adquirir as boas graças da empresa, faz toda a sorte de rapapés á sua collega Emma de Souza, chegando mesmo a servir-lhe de costureira, nos bastidores...

—Regressou de Lisboa a famosa *invertida* Victoria Tavares, grande apreciadora de meudos e fressuras...

Ao que se diz, vae estabelecer *ménage*

com a *aquetriz* Ophelia, outra *invertido* a respeito...

—Contou-nos a Maria Amor Sem Olhos que a sua collega Japoneza farta-se de *castanhas*... que lhe dá o homem dos gramophones, sempre que lhe damos aqui uma piada.

Caramba! mas que gajo *valiente*... nos sahiu o gramophoneiro!

—Pedi-nos o Martins Veiga para perguntarmos ao secretario do S. Pedro, para que fim foram *reforçados* os pés do canapé que existe no gabinete do 1º andar...

A pergunta ahi fica; o Gomes da Silva que responda...

—Diz o Alberto Ferreira que o seu collega Leonardo Fiteiro sempre conseguiu *arranjar* com a empresa Paschoal Segreto o papel preciso para forrar o camarim.

E que tem o Alberto com isso? O que faz falar é a inveja...

—A crêr no que nos disse o Justino Marques... daqui aconselhamos ao seu collega Monteiro, a entrar já numas injeções de *Mucusan*, que é para pôr fóra o *esfriamento*... que apanhou não sabe como...

—Para que diabo queria o Mario Brandão o lenço de rendas da sua collega Emma?

O' Mario, olhe que o lenço não tem a propriedade de «picareta», sabes?

—A' vista do bom resultado obtido na missão de que se incumbiu, de conseguir as pazes da Luiza Cegueta Caldas com o maestro Luz, resolveu o Leonardo Fiteiro abraçar tambem a profissão de *alcagoita*...

Bom proveito lhe faça...

—Que diabo iria fazer, sabbado ultimo, á casa de uma conhecida *tia*... a Lucilia Pose Esbelta, do Pavilhão?

Dahi talvez lhe fosse apenas pedir a benção...

—Disse-nos a Maria das Neves que a Candida Pauliteira teve ha dias uma forte turra com a sua collega Palmyra, do S. Pedro, por causa de um actor do S. José, que ambas disputam.

Mas não é mesmo pretensão da Candida!

Formigão.



Au Bijou de la Mode — Grande deposito de calçados, por atacado e a varejo. Calçado nacional e estrangeiro para homens, senhoras e crianças. Preços baratissimos, rua da Carioca n. 80. Telephone 3.660.

SUPREMO ABRAÇO

ROMANCE D'AMOR

POR

VICTORIEN DU SAUSSAY

CAPITULO V

Estive alguns momentos em frente do espelho, não podendo render-me á evidencia. Mas, não enlouquecera, o meu estado era perfeitamente normal. Era verdade. Lembrei-me então, que, á vista da minha amante deitada nos braços do homem que estava ainda com ella, talvez ainda na mesma posição em que os surprehendera, tinha sentido no coração e no cerebro como que uma pancada fortíssima, como se me tivessem arrojado com alguma coisa brutal.

Não me inquietara. Para que? Era tão normal aquelle golpe, aquelle soffrimento.

Seriam oito horas quando o homem se retirou. Ouvi-o descer a escada depois de ter fechado a porta do quarto onde me roubara a minha amante.

Tive por um momento a curiosidade de sahir ao mesmo tempo, para saber quem era.

Mas para que? Pedro ou João... Deixei-me disso.

Depois de vestido sentara-me numa cadeira, junto da janella, e assisti ao despertar da pequena cidade, os gallos cantavam, um ferrador, não muito longe, martellava na bigorna, passavam mulheres com bilhas de leite e camponezes que iam para o trabalho.

E toda aquella gente parecia feliz, como nunca tivesse soffrido.

Marcella levantou-se. Adivinhei que procedia á sua *toilette*.

Esperei ainda antes de a ir ver, a dar-lhe tempo para que se acabasse de arranjar.

A hora que decorreu parecia enterminavel. Estava nervoso. Soffria.

Por varias vezes me acerquei do espelho para me assegurar se o cabello não teria embranquecido por completo.

Por fim, entrei no quarto de Marcella, depois de ter batido.

—Tu! exclamou a perfida, já! Só te

esperava no comboio do meio dia. Em que comboio vieste?

—Cheguei esta noite, ás duas horas. Não te acordei, apesar de ter entrado no teu quarto, porque a minha razão foi bem mais forte de qualquer outro sentimento. Dormiam ambos. Retirei-me para o meu aposento. Venho fazer-te as minhas despedidas. Vou-me embora, fujo-te, não tornarás a ver-me.

—E's um miseravel! exclamou furiosa, mentes horrivelmente. Não estava ninguém commigo, dormi só. E depois, meu caro, não desejo impedir-te de levar a cabo a tua infamia; está farto de mim; para te separares, julgas dever accusar-me de ter um amante, não te detenho. Vae-te! Vae-te!

Achou que me não retirava bastante depressa, empurrou-me com todas as suas forças, fechou a porta e deu volta á chave.

A sua mentira intempestiva, derrotara-me. Por um momento tive a inquietação de que ella tivesse subitamente endoidecido.

E senti-me extremamente fraco e cobarde.

VI

Havia algumas semanas que era o amante de Marcella de Saint-Germain, e não obstante o meu vivo desejo de a amar, de obedecer ás suas exigencias mais tyrannicas, aos seus mais pequenos caprichos, via-me obrigado a persuadir-me que condescendencia, bondade, amor, tudo fôra inutil.

Marcella era o terrivel demonio, demonio magnifico e bello, que se comprazia em me fazer soffrer quanto mais meigo, acariciador e melhor amante encontrava em mim.

(Continúa.)

O Riso

BASTIDORES



Não só porque lhe assenta melhor como também porque lhe fica mais adequado... resolvemos da qui por diante chamar Leonardo Fiteiro ao actor Leonardo de Souza, do Pavilhão, ex-«Feijão Fradinho» e «Homem de Estudo.»

Tantas e de tal calibre têm sido as «fitas» ultimamente desenroladas por esse pandego, que não nos

pudemos furtar ao desejo de o appellidar por esse modo, aliás o que melhor se justifica...

O Leonardo que venha agora pagar a «patente» do baptismo.

—Dizem-nos que é tal o entusiasmo que têm certos *marchantes* do Apollo pela estreante Emma de Souza, que até já lhe pregaram uma constipação com tantos passeios á Mãe Louise...

Nesse andar, pregam mas é com ella no Cajú...

—Porque diabo dirá a Maria Caveira, do Pavilhão, tanto mal do Nazareth, sem ter razão para isso?

Estará a lingua de trapo suppondo que o *coronel* lhe dá mão forte?

—Afinal, a Victoria do S. Pedro não conseguiu do director de scena a *barração* do Candinho, da caixa daquelle theatre.

Tambem, que mal ha nisso? o rapaz é inoffensivo, gosta apenas de conversar, de dar á lingua...

—Grande desespero deu o Leonardo Fiteiro por ter de pagar 7\$ para retirar a «Mascotte», quando esta foi de cambulhada na apanha de cães.

Pobre cadella! a quantos filhos terá que dar á luz para pagar *tão grande* despesa?

—Disse-nos o Lino dos Typos que o Mario Brandão para adquirir as boas graças da empresa, faz toda a sorte de rapapés á sua collega Emma de Souza, chegando mesmo a servir-lhe de costureira, nos bastidores...

—Regressou de Lisboa a famosa *invertida* Victoria Tavares, grande apreciadora de meudos e fressuras...

Ao que se diz, vae estabelecer *ménage*

com a *aquetritz* Ophelia, outra *invertida* a respeito...

—Contou-nos a Maria Amor Sem Olhos que a sua collega Japoneza farta-se de *castanhas*... que lhe dá o homem dos gramophones, sempre que lhe damos aqui uma piada.

Caramba! mas que gajo *valiente*... nos sahiu o gramophoneiro!

—Pedi-nos o Martins Veiga para perguntarmos ao secretario do S. Pedro, para que fim foram *reforçados* os pés do canapé que existe no gabinete do 1º andar...

A pergunta ahi fica; o Gomes da Silva que responda...

—Diz o Alberto Ferreira que o seu collega Leonardo Fiteiro sempre conseguiu *arranjar* com a empresa Paschoal Segreto o papel preciso para forrar o camarim.

E que tem o Alberto com isso? O que faz falar é a inveja...

—A crêr no que nos disse o Justino Marques... daqui aconselhamos ao seu collega Monteiro, a entrar já numas injeções de *Mucusan*, que é para pôr fóra o *esfriamento*... que apanhou não sabe como...

—Para que diabo queria o Mario Brandão o lenço de rendas da sua collega Emma?

O' Mario, olhe que o lenço não tem a propriedade de «picareta», sabes?

—A' vista do bom resultado obtido na missão de que se incumbiu, de conseguir as pazes da Luiza Cegueta Caldas com o maestro Luz, resolveu o Leonardo Fiteiro abraçar tambem a profissão de *alcaçoa*...

Bom proveito lhe faça...

—Que diabo iria fazer, sabbado ultimo, á casa de uma conhecida *tia*... a Lucilia Pose Esbelta, do Pavilhão?

Dahi talvez lhe fosse apenas pedir a benção...

—Disse-nos a Maria das Neves que a Candida Pauliteira teve ha dias uma forte turra com a sua collega Palmyra, do S. Pedro, por causa de um actor do S. José, que ambas disputam.

Mas não é mesmo pretenção da Candida!

Formigão.



Au Bijou de la Mode — Grande depósito de calçados, por atacado e a varejo. Calçado nacional e estrangeiro para homens, senhoras e crianças. Preços baratissimos, rua da Carioca n. 80. Telephone 3.660.



SUPREMO ABRAÇO

ROMANCE D'AMOR

POR

VICTORIEN DU SAUSSAY

CAPITULO V

Estive alguns momentos em frente do espelho, não podendo render-me á evidencia. Mas, não enlouquecera, o meu estado era perfeitamente normal. Era verdade. Lembrei-me então, que, á vista da minha amante deitada nos braços do homem que estava ainda com ella, talvez ainda na mesma posição em que os surprehendera, tinha sentido no coração e no cerebro como que uma pancada fortíssima, como se me tivessem arrojado com alguma coisa brutal.

Não me inquietara. Para que? Era tão normal aquelle golpe, aquelle soffrimento.

Seriam oito horas quando o homem se retirou. Ouvi-o descer a escada depois de ter fechado a porta do quarto onde me roubara a minha amante.

Tive por um momento a curiosidade de sair ao mesmo tempo, para saber quem era.

Mas para que? Pedro ou João... Deixei-me disso.

Depois de vestido sentara-me numa cadeira, junto da janella, e assisti ao despertar da pequena cidade, os gallos cantavam, um ferrador, não muito longe, martellava na bigorna, passavam mulheres com bilhas de leite e camponezes que iam para o trabalho.

E toda aquella gente parecia feliz, como nunca tivesse soffrido.

Marcella levantou-se. Adivinhei que procedia á sua *toilette*.

Esperei ainda antes de a ir ver, a dar-lhe tempo para que se acabasse de arranjar.

A hora que decorreu parecia enterminavel. Estava nervoso. Soffria.

Por varias vezes me acerquei do espelho para me assegurar se o cabello não teria embranquecido por completo.

Por fim, entrei no quarto de Marcella, depois de ter batido.

—Tu! exclamou a perfida, já! Só te

esperava no comboio do meio dia. Em que comboio vieste?

—Cheguei esta noite, ás duas horas. Não te acordei, apesar de ter entrado no teu quarto, porque a minha razão foi bem mais forte de qualquer outro sentimento. Dormiam ambos. Retirei-me para o meu aposento. Venho fazer-te as minhas despedidas. Vou-me embora, fujo-te, não tornará a ver-me.

—E's um miseravel! exclamou furiosa, mentes horrivelmente. Não estava ninguém commigo, dormi só. E depois, meu caro, não desejo impedir-te de levar a cabo a tua infamia; está farto de mim; para te separares, julgas dever accusar-me de ter um amante, não te detenho. Vae-te! Vae-te!

Achou que me não retirava bastante depressa, empurrou-me com todas as suas forças, fechou a porta e deu volta á chave.

A sua mentira intempestiva, derrotara-me. Por um momento tive a inquietação de que ella tivesse subitamente endoidecido.

E senti-me extremamente fraco e barde.

VI

Havia algumas semanas que era o amante de Marcella de Saint-Germain, e não obstante o meu vivo desejo de a amar, de obedecer ás suas exigencias mais tyrannicas, aos seus mais pequenos caprichos, via-me obrigado apersuadir-me que condescendencia, bondade, amor, tudo fôra inutil.

Marcella era o terrivel demonio, demonio magnifico e bello, que se comprazia em me fazer soffrer quanto mais meigo, acariciador e melhor amante encontrava em mim.

(Continúa.)



O Bromil

é o grande remedio para as molestias do peito, MAIS DE 400 MEDICOS atestam a sua prodigiosa efficacia nas bronchites, na roquidão, coqueluche, asthma e tosse.

O Bromil é o melhor calmante expectorante

A Saúde da zzz Mulher zzz

é o regulador do utero: facilita as regras, atenúa as colicas, combate as hemorragias, allivia as dôres rheumaticas e os incommodos da idade

critica.

